

IMPrensa

JORNALISMO E COMUNICAÇÃO - ANO 20 - N. 220 - JANEIRO/FEVEREIRO 2007 - R\$ 7,50

Eugênio Bucci esclarece: "Nunca sofri pressão do PT"



**MIL TONS DE
MILTON**

■ EM ENTREVISTA EXCLUSIVA, MILTON NASCIMENTO FALA SOBRE SUA CONTURBADA RELAÇÃO COM A MÍDIA, A PAIXÃO POR MINAS, MÚSICA E A ETERNA AMIZADE POR ELIS REGINA



- Milton Nascimento é carioca, nascido em 26 de outubro de 1942. Pouco antes de completar dois anos de idade, foi adotado por Lília Silva Campos e Josino Campos e levado a viver, junto de sua nova família, em Três Pontas (MG).

- "Bituca" ganhou de sua avó uma sanfona ainda criança. Com ela, acompanhava Dona Lília, que cantava em festas da igreja e confraternizações. Aos 13 anos, junto do amigo Wagner Tiso, cantava em festas e bailes da cidade.

- A primeira música gravada por Milton Nascimento foi "Barulho de trem" em 1962.

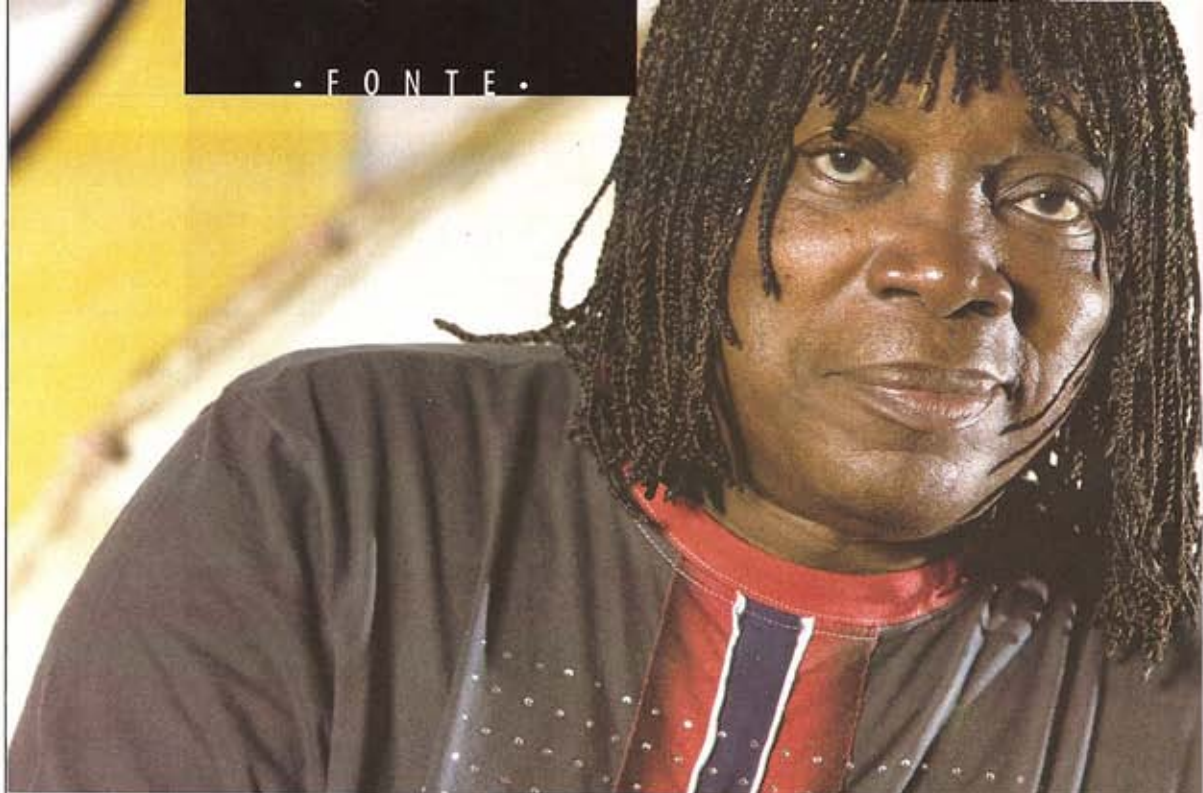
- Em 1966, Milton Nascimento gravou seu primeiro disco. Neste mesmo ano, Elis Regina gravou "Canção do Sal", fato que inaugurou uma parceria profissional de sucesso e uma intensa amizade.

- Milton efetivou grandes parcerias durante sua vida. Com os irmãos Márcio Borges e Lô Borges compôs "Clube da Esquina", um marco na música mineira. O sucesso foi tanto que muitas pessoas iam até Belo Horizonte (MG) para visitar o tal clube, que não existia.

- "Bituca" tem 112 afilhados, resultado das amizades duradouras acumuladas durante a vida.

- Milton Nascimento tem mais de trinta discos gravados. Destaque para "Milagre dos Peixes". A intenção era que esse disco fosse gravado com Dorival Caymmi e Clementina de Jesus, mas as letras foram censuradas pela repressão. Assim, com a orquestração pronta, Bituca resolveu usar a voz como instrumento, sem letra. Acreditou que os fãs entenderiam. E realmente entenderam.

- A carreira de Milton é conduzida pela empresária Marilene Gondim desde 1996. Anteriormente, Bituca tinha como empresário Márcio Ferreira.



O desabafo de "Bituca"

POR THAÍS NALDONI, DO RIO DE JANEIRO
FOTOS: SÉRGIO HUOLIVER

Como diria a célebre frase da dramaturga Consuelo de Castro, "a gente nasce e morre todos os dias". No universo da MPB, poucos compositores podem dizer que nasceram e morreram tanto quanto Milton Nascimento. Na bem-sucedida biografia de um dos maiores ícones da música brasileira, a glória e a felicidade dividem espaço com episódios de muita dor, decepção e dissabores. Por trás destes bons e maus momentos invariavelmente está a imprensa. Relembrar tais episódios seria tarefa complicada para a maioria das pessoas, mas não para "Bituca", apelido que recebeu na infância, que, em 40 horas de gravação, contou à jornalista Maria Dolores – natural de Três Pontas (MG), cidade da família adotiva de Milton – uma parte significativa deles. O resultado do depoimento pode ser conferido no livro "Travessia – A vida de Milton Nascimento", lançado em novembro pela editora Record. Em tempos em que o papel da imprensa e, por conseguinte, sua ética são cada vez mais discutidos, o livro traz à tona um dos piores capítulos da vida de Milton, ocorrido há

exatos dez anos: o emagrecimento súbito, resultado de um diabetes, aliado à anorexia causada por um remédio. Na época, o cantor, que mede 1,70m, chegou a pesar 38 kg. Embora os laudos médicos desmentissem, para a imprensa o diagnóstico era outro: Milton era portador de HIV. "Foi uma das maiores violências que já sofri na vida", disse. Depois dos momentos de turbulência, no entanto, Milton recuperou a saúde, aprendeu a conviver com o diabetes e vive hoje uma fase tranquila, mas repleta de trabalho. Há três anos e meio ele corre o mundo com o show "Pietá", que acaba de ser lançado em DVD. "Aprimoramos muito o show, a banda era muito unida, há muito amor nesse projeto. Não poderíamos deixar de gravar este DVD", conta Bituca, que completou 64 anos em 2006. Aberto a todas as perguntas e com a firmeza de quem parece já ter passado por tudo na vida, Milton Nascimento recebeu a reportagem de IMPRENSA em sua casa, em Itanhangá, no Rio de Janeiro. Bem-humorado, terno e de fala fácil – completamente contrário à sua alardeada timidez – ele comentou a atual situação política brasileira e o papel da música na mudança deste cenário. Falou também sobre a mágoa da imprensa, o início de sua carreira e a intensa amizade com Elis Regina. Saboreie a poesia do auto-intitulado "mineiroca".

IMPRENSA – Você sofreu muito nas mãos da imprensa em 1996 e 1997, na época em que foi diagnosticado o diabetes. Parte da imprensa afirmou categoricamente que você era portador de HIV. Dez anos depois, como avalia esse episódio?

MILTON – Esse negócio foi pior ainda do que você imagina. Quando ia começar toda aquela confusão, eu liguei para a minha casa e avisei meus pais para não acreditarem em nada do que saísse na imprensa. Os meus médicos explicavam o que estava acontecendo porque a imprensa vinha falar com eles e não adiantava nada. Chegaram a chamar dois médicos, que eram da mesma especialidade dos meus, que desmentiam tudo o que os meus falavam. Os jornalistas são tão danados que, quando eu estava no hospital, subiam na árvore para tirar fotos do meu quarto.

IMPRENSA – Foi uma invasão na sua vida, baseada em suposições não só da imprensa como dos médicos que desmentiam o diagnóstico...

MILTON – Essas pessoas que desmentiam o que meus médicos diziam sequer passaram a 500 metros de mim. Nós temos os nomes e tal, mas meus médicos decidiram não processar. A coisa foi tão nojenta que teve um dia que uma pessoa, um jornalista, ligou perguntando a hora que seria meu enterro.

IMPRENSA – A mídia afirmou com todas as letras que você tinha HIV... Algum veículo específico?

MILTON – Todos. Saí do hospital, vim para casa, fui melhorando, melhorando, até que eles não tinham mais o que falar.

IMPRENSA – Toda essa confusão fez muito mal a você, não?

MILTON – Sabe o que é? Além de pegar minha família, meus irmãos, meus amigos, a imprensa descobria pessoas que eram minhas amigas e iam fazer perguntas, fizeram muita gente chorar, maltrataram muito as pessoas ligadas a mim. Foi uma das

“A amizade para mim é a coisa mais importante”

piores coisas que a imprensa fez de mal, em qualquer país.

IMPRENSA – Você tem muita mágoa da imprensa brasileira?

MILTON – Tenho.

IMPRENSA – Você pensa muito, escolhe muito para dar entrevistas depois deste episódio?

MILTON – Eu tenho tido sorte. As pessoas com quem eu tenho falado têm honestidade, elas só publicam o que eu realmente falei. E isso começou a acontecer depois desse tempo. Inclusive, as pessoas falam que sou tímido, que é a pior coisa do mundo fazer uma entrevista comigo, mas eu não falo é por causa da imprensa, não que eu seja tímido.

IMPRENSA – Acredita que esse tipo de invasão, de agressão, pela qual passou aconteceria em outro país?

MILTON – Eu acho que desse tamanho não, porque aqui a justiça demora muito, nos outros países não demora tanto assim.

IMPRENSA – Foi por isso que você decidiu não processar?

MILTON – Não. Não processei porque não era eu quem deveria processar. Eles colocaram médicos contra médicos. Para mim, os médicos é que tinham que processar. Eu não queria saber da imprensa, nem nada.

IMPRENSA – Foi a primeira vez que você foi atacado dessa forma?

MILTON – Não. Teve uma vez, bem

antes, no primeiro festival de jazz que teve no Brasil, em São Paulo. No último dia eu ia fazer um show com todos os artistas do festival. Uns dez minutos antes de eu entrar no palco, a polícia entrou me procurando, dizendo que tinham acabado de pegar no banheiro algumas pessoas mexendo com drogas, e essas pessoas disseram ser minhas amigas. Eles tentaram me subornar, pediram muito dinheiro e disseram que se eu não arrumasse aquele valor todo mundo seria preso, inclusive eu. Você imagina como foi esse show. Um policial armado de cada lado do palco.

IMPRENSA – A performance deve ter sido complicada...

MILTON – Lógico. Naquela ocasião, o jornalista Maurício Kubrusly (atual TV Globo) acabou comigo em todos os lugares em que ele escreveu. Disse que eu era bêbado e um monte de outras coisas. Mas, gente, como fazer um show embaixo daquela pressão toda? Como o Kubrusly fazia parte do festival, estava cobrindo, ele tinha que saber o que estava acontecendo. Ele tinha que saber. Ele fez uma sacanagem muito grande, é um cara que eu não posso nem ver, que eu não suporto, e acho que todos os jornalistas deveriam dar um jeito de tirar esse cara do ar. Às vezes ele escrevia sobre outra coisa e aproveitava para descer a lenha em mim no final. Isso foi logo no começo da minha carreira.

IMPRENSA – O início da relação com a imprensa não foi dos melhores, então...

MILTON – Foi danado mesmo. Esse cara eu nunca vou perdoar. Falei o nome dele agora porque há muito tempo estou guardando isso. Para mim esse cara não presta.

IMPRENSA – Depois do caso do diabetes você parou de ler algum veículo?

MILTON – Parei sim. Só não vou dizer quais para não dar esse gostinho a eles.

IMPRENSA – Em 1982, quando a Elis Regina morreu, a revista *Veja* pu-



“Não quero saber dessa revista (Veja)”

blicou uma matéria que abordava a morte sob o viés do consumo de drogas. Como você avalia aquela capa?

MILTON – A partir daí, eu geralmente nem falo o nome dessa revista. Cortei, não quero dar entrevistas, não quero que eles apareçam em meus shows, nada. Eles já tinham feito coisas comigo também, mas comigo eu não estava nem aí. Agora, isso que eles fizeram não dá, porque era uma mentira. Ao mesmo tempo, saiu uma matéria na *IstoÉ*, uma coisa bonita, que dizia uma série de coisas, mas de uma forma tão delicada, amorosa. A partir daquele dia, eu nunca mais li, não quero saber o que disse, o que não disse, não quero saber dessa revista [Veja].

IMPRENSA – O que você espera desses próximos quatro anos de governo Lula?

MILTON – Eu espero que nesses próximos quatro anos Lula dê uma caminhada, com quem tiver que ser, para melhorar. Porque não está dando para turistas virem para cá, não está dando para a gente andar em lugar nenhum. A gente já sai de casa com medo. Tem que haver uma coisa, que eu não sei bem o que é. O Movimen-

to dos Sem-Terra, que era uma coisa, virou outra e haja violência. Os Iano-mâmi, que vivem da pesca, das coisas do rio, vêem seu rio poluído por um óleo tóxico. Está tudo bagunçado. Um terror.

IMPRENSA – A música, neste caso, pode ajudar em alguma coisa?

MILTON – Acho que sim, porque se não ajudar eu vou parar. Houve um show em São Paulo, em um estádio de futebol, em prol da Anistia Internacional. Vieram Sting, Peter Gabriel, vários outros e eu. Estava lotado. Quando acabou eu pedi para que as pessoas refletissem sobre aquilo, no motivo daquela noite, que pensassem no que poderia ser feito.

Tempos depois, estava numa coletiva em Salvador (BA) e alguns garotos de 16, 17 anos me disseram que estavam em São Paulo naquele show e, por causa do que eu disse, fundaram a Anistia Internacional Jovem na cidade. O mesmo aconteceu em Poços de Caldas (MG). Depois de um show, um grupo de crianças – o mais velho tinha 13 anos – me procurou para contar que haviam fundado a Anistia Internacional Infantil na cidade. E ela existe até hoje.

IMPRENSA – Como um carioca pode ter se tornado a cara de Minas?

MILTON – Eu, na verdade, sou mineiro e carioca, porque gosto dos dois lugares, para mim não tem diferença. Eu moro aqui no Rio, mas perto das montanhas, água por todos os lados, cachoeira, lagoa, rio e mar. Para mim não tem esse negócio. Eu sou “mineiroca”.

IMPRENSA – E a entrada na música? Como surgiu Milton Nascimento?

MILTON – Desde pequeno, quando fui para Três Pontas, ganhei uma sanfona. Minha mãe gostava muito de cantar e eu acompanhava ela dentro das minhas possibilidades, porque a sanfona não tem nada, não tem notas pretas, nem brancas, precisa suar para tirar um som. Ela cantava muito nas festas de rua, de igreja, leilões. Ela ia cantar e eu acompanhava. Aí, tinha uma parte que a sanfona não ia dar conta, não tinha a nota que precisava, eu fazia com a voz. Agora nem me pergunte como, porque eu não faço idéia de como eu fazia isso.

IMPRENSA – Em toda sua vida você foi muito abraçado. Primeiro, por sua família mineira. Em seguida, pelo estado. Depois, pela família dos Borges,

em Belo Horizonte...

MILTON – Na casa dos Borges eu era mesmo o 12º filho. Mas tudo o que aconteceu comigo eu trago da minha casa, dos meus pais. A amizade para mim é a coisa mais importante. Eu não vejo diferença entre amizade e amor. Quando eu era bem pequenininho, eu olhava e via os amigos deles passando por dificuldades. Mesmo que nós não tivéssemos muito dinheiro, eles davam um jeito de ajudar. E era sempre assim. Eu cresci assim, sou assim e agradeço aos meus pais por isso.

IMPRENSA – Foi exatamente isso que aconteceu com os Borges, em Belo Horizonte?

MILTON – Quando eu cheguei em Belo Horizonte, conheci o pessoal dos Borges, vivia lá e depois tem os Brant. Em cada lugar que eu ia eu arrumava uma família e essa família também ia para Três Pontas, aí virava tudo uma coisa só. Era o maior barato.

IMPRENSA – Você tem uma carreira muito sólida, construída degrau a degrau. Na época em que você foi lançado, havia os festivais que mostravam os novos talentos. Como você avalia o cenário da música hoje?

MILTON – Eu apareci num festival porque era o caminho para a gente se tornar conhecido, mas era tão difícil como hoje. Tinha um festival aqui, outro ali e iam aparecendo as pessoas, mas era muita gente concorrendo. Eu li uma reportagem em um veículo, não lembro qual, falando sobre a falta de pessoas fazendo novas coisas. Eu escrevi uma carta e disse: “você está dizendo que não aparece ninguém, se vocês forem lá em casa, vão ver que estão falando a maior bobagem do mundo”. Porque eu sou assim, quando vejo alguém fazendo alguma coisa bem feita, que eu gosto, eu trago. Aqui também é uma continuação da minha casa em Três Pontas.

IMPRENSA – Para compor, você precisa de silêncio?

MILTON – Eu não sei compor igual à maioria dos meus colegas. No silên-



“Eu não suporto o Maurício Kubrusly. Esse cara não presta”

cio eu não faço nada. Tem que ter barulho, principalmente com criança. Eu tenho 112 afilhados. Eu trabalho mais no meio de uma confusão do que no silêncio.

IMPRENSA – Você acompanha todos os seus afilhados?

MILTON – Tenho contato com todos. O que é problema é a questão do aniversário. Data de aniversário eu só lembro da minha porque todo mundo me obriga a lembrar. Eu falo com eles que eu não lembro e não vou lembrar nunca. Então me telefone na véspera, me avisa, e no dia seguinte finge que não me telefonou e pronto.

IMPRENSA – É muito bonita sua história de amizade com Elis Regina. Como nasceu esse casamento tão perfeito?

MILTON – Eu morava em BH e vim ao Rio a convite de Pacífico Mascarenhas. Tinha uma cantora chamada Elisa que tinha gravado um disco e eu e Wagner Tiso fizemos um coro. Depois teve uma festa na casa dela. Quando chegamos, vimos todos os grandes nomes da música lá. Eu comecei até a tremer, o Wagner também. Teve uma hora que dei uma olhada e tinha uma pessoa sentada, quietinha em um canto. Eu olhei e lembrei que

a conhecia. Ela tinha gravado um disco de rock que o pessoal queria fazer ela *versus* Celly Campello. Ela estava mordida com isso, mas era uma forma de ela aflorar. Wagner e eu acabamos tocando na festa, morrendo de vergonha. Saímos andando na rua, eu cheguei perto da Elis e comecei a cantar uma das músicas do disco dela. Ela olhou para mim e disse: “Cala a boca, esquece isso, some daqui!”

IMPRENSA – O começo não foi tão fraterno assim. Ela estava brava?

MILTON – Bravíssima. Passaram alguns anos, eu estava fazendo parte de um festival chamado “Berimbau de Ouro”. Era um festival que tinha em vários estados do Brasil e a finalíssima em São Paulo. Depois da apresentação das músicas ia ter um show da Elis, que tinha vencido a edição anterior. Eu estava em um corredor e vi que ela estava vindo. Me deu um negócio, uma vontade de não estar ali. Passei com a cabeça abaixada. De repente, ouvi o barulho de um tamanco no chão e ela dizendo: “Mineiro não tem educação, não? Porque pessoas educadas de manhã falam bom dia, de tarde falam boa tarde e de noite dizem boa noite”. Eu pedi desculpas, dizendo que não queria

chateá-la. Ela disse que não tinha desculpas e que eu teria que ir à casa dela tocar a música da festa da Elisa e começou a cantar a música. Eu fiquei pasmo, tantos anos depois... Ela me olhou e disse: "Memória, meu caro".

IMPrensa - E você foi, claro!

MILTON - Fui depois na casa dela, o Gil também tinha acabado de chegar da Bahia. Ela o conheceu uma semana antes e pediu para que ele fosse na casa dela ajudá-la a escolher músicas. Eu toquei umas vinte e tantas músicas e ninguém falou nada. Eu já estava querendo pegar a mala e voltar. Ela quis saber se eu tinha mais alguma. Eu tinha, mas não era muito ligado a ela na época (besteira minha, porque a música era danada), eu cantei e ela gostou. Era a "Canção do Sal".

IMPrensa - Foi a primeira de suas músicas que ela gravou?

MILTON - Foi. Com a Elis eu sempre tive um negócio que era a mistura de um amor muito forte e o sentimento de ídolo. Eu não conseguia separar as duas coisas. De vez em quando eu ia no programa dela ("O Fino da Bossa"), a gente sempre saía, ela pagava o jantar para mim, porque eu não tinha dinheiro. Até que teve uma vez que ela me convidou para passar o Natal com ela. Não teve jeito de dizer não. Então, ao invés de ir para Três Pontas, fui para o Rio de Janeiro.

IMPrensa - A partir daquele Natal vocês se tornaram inseparáveis?

MILTON - Naquele Natal, eu estava sentado de frente para ela e ela começou a chorar, com muito sentimento, e a falar as coisas da vida dela. Eu acho que estava prestando mais atenção que a família dela toda. Chegou uma hora que pensei: "Isso aqui não é à toa, não. Acho que a gente está selando aqui um voto de amizade". A partir daí nós nunca mais nos separamos. Isso foi em 1966.

IMPrensa - Você passou mesmo a compor todas as músicas para ela?

MILTON - A paixão era tanta que, a



"Eu sou um 'mineiroca'"

partir daquele Natal, eu nunca mais compus para eu cantar. Eu sentava em qualquer lugar, piano ou violão, chegava e pensava nela cantando. Eu mandava as músicas para ela. Todas ela gravou antes de mim, e enquanto não saía o disco eu ficava doido de ansiedade. A vida toda foi isso.

IMPrensa - A morte dela deve ter sido muito doída para você...

MILTON - Aquilo quase acabou comigo, eu não queria mais compor, não queria mais nada, não queria

mais ouvir, mais mil coisas.

IMPrensa - Você ainda sente muita falta dela?

MILTON - Muita. Eu faço o possível para não carregar muito essa emoção. O pessoal do centro espírita diz que se a gente pensa muito na pessoa ela não vai embora, não tem descanso. Mas como eu vou deixar de pensar? Eu não faço mais as músicas para ela, mas eu fico pensando como ela estaria cantando. Não existe nada igual e vai demorar a aparecer. ■